

Tipo do Artigo (Revisão)

A ARTE COMO REFLEXO DA PSICOPATOLOGIA: O PSIQUISMO EM PRODUÇÃO

Laura Cristine Batista Moreira¹, Luana Caroline Sousa de Miranda², Maria Eduarda Félix de Brito³, Sofia Santos Hentz⁴, Rogerio Rodrigues da Silva^{5*}

¹ Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goiás (UNIEGO).

² Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goiás (UNIEGO).

³ Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goiás (UNIEGO).

⁴ Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goiás (UNIEGO).

⁵ Centro Universitário Evangélico de Goiás (UNIEGO).

* Autor correspondente: psirogeriosilva@gmail.com; Tel.: (62) 99861-0077

Resumo

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a maneira como a experiência humana e o sofrimento psíquico refletem-se nas produções artísticas ao longo do tempo, compreendendo a arte como uma manifestação autônoma do conhecimento que desafia conceitos preestabelecidos. A pesquisa justifica-se pela relevância de investigar o impacto da psicopatologia e de sua reprodução no campo da saúde mental, ampliando a visão sobre indivíduos fragilizados. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica de caráter qualitativo, fundamentado sob as perspectivas da Psicanálise, da Psicologia Analítica e da Fenomenologia. Foram analisados livros, artigos e registros históricos coletados em bases de dados digitais, articulando conceitos como sublimação, simbolismo e a relação entre o ser-no-mundo e sua expressão. Os resultados evidenciam que movimentos como a Outsider Art e a Arte Bruta, além da atuação de Nise da Silveira com mandalas, demonstram que a arte opera como um dispositivo estruturante para o psiquismo, não se limitando a um sintoma, mas buscando a autorregulação e a cura. Conclui-se que a produção artística constitui uma manifestação existencial ativa, possibilitando a reorganização psíquica, a integração subjetiva e a humanização do cuidado clínico.

Palavras-chave: Arte; Psicanálise; Psicopatologia; Fenomenologia; Sublimação.

Abstract

The present study aims to reflect on how human experience and psychological suffering are reflected in artistic productions over time, understanding art as an autonomous manifestation of knowledge that challenges pre-established concepts. The research is justified by the relevance of investigating the impact of psychopathology and its reproduction in the mental health field, broadening the perspective on vulnerable individuals. This is a qualitative literature review study, based on the perspectives of Psychoanalysis, Analytical Psychology, and Phenomenology. Books, articles, and historical records collected from digital databases were analyzed, articulating concepts such as sublimation, symbolism, and the relationship between being-in-the-world and its expression. The results show that movements such as Outsider Art and Art Brut, in addition to Nise da Silveira's work with mandalas, demonstrate that art operates as a structuring device for the psyche, not being limited to a symptom, but seeking self-regulation and healing. It is concluded that artistic production constitutes an active existential manifestation, enabling psychic reorganization, subjective integration, and the humanization of clinical care.

Keywords: Art; Psychoanalysis; Psychopathology; Phenomenology; Sublimation.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho busca compreender de que forma a arte pode refletir, expressar ou simbolizar manifestações relacionadas à psicopatologia, contribuindo para a análise da relação entre criação artística, saúde mental e vivência humana como um todo. Além disso, trata de ideias de autores como Carl Jung e Nise da Silveira enquanto grandes nomes da psiquiatria e psicologia analítica.

Entender e refletir sobre a arte como reflexo da vida individual promove, não só uma nova perspectiva sobre grupos marginalizados e indivíduos fragilizados pela vivência da psicopatologia, mas também, cria uma nova dimensão na interpretação de obras artísticas e seus contextos históricos, políticos e sociais. Optou-se por este tema com o intuito de propor uma reflexão original, evitando reproduzir abordagens convencionais, além de trazer destaque ao tema, a fim de que seja mais discutido e pesquisado em trabalhos científicos posteriores.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O objetivo da presente pesquisa é analisar e interpretar obras teóricas e científicas que discutem, apresentam e revelam a conexão existente entre arte, manifestação psíquica e Psicopatologia, investigando a relação entre criação artística e vivência subjetiva. A pesquisa se caracteriza como um estudo de revisão bibliográfica, com análise qualitativa, fundamentadas sob a perspectiva da Psicanálise, Psicologia Analítica e da Fenomenologia.

Foi realizada a coleta de dados por meio de análise de documentos, como livros, artigos científicos e registros históricos sobre arte e psicopatologia dentre demais assuntos abordados. A seleção dos materiais foi utilizada através de banco de dados digitais, usando descritores como arte, psicanálise, psicopatologia, fenomenologia, sublimação, símbolos e experiência humana, que são conceitos essenciais abordados por autores fundamentais para a pesquisa do tema, como Sigmund Freud, Clarisse Lispector, Carl Jung, Merlau-Ponty e Jacques Lacan.

Os materiais foram ordenados por meio de análise de conteúdo temática e o presente estudo organizado em eixos representado por atos com o objetivo de facilitar a interpretação das contribuições teóricas de cada autor, comparando suas perspectivas e construindo uma síntese crítica.

Como se trata de uma pesquisa bibliográfica baseada em literatura de domínio público e bases científicas, não houve necessidade de submissão a comitês de ética em pesquisa com seres humanos.

3. RESULTADOS

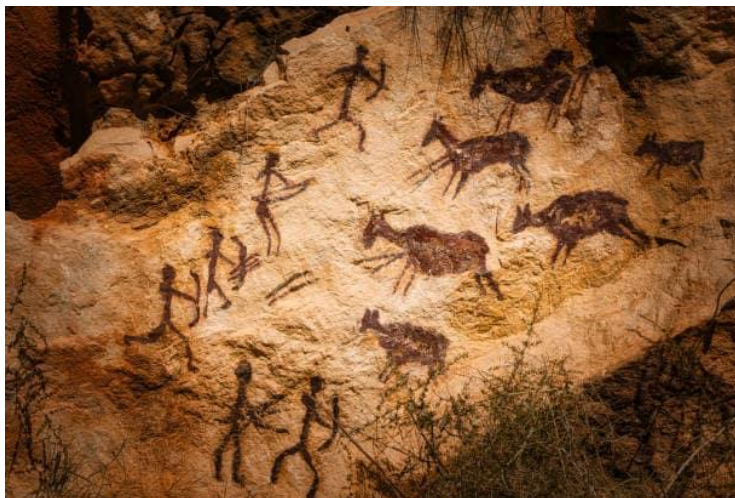
3.1. Arte e Psiquismo: Um Binômio Indissociável

O conceito de “arte” se modifica ao longo das épocas, acompanhado de seu sujeito criador e observador, tão volátil quanto qualquer outro material existente. Sendo, a arte, uma manifestação humana, está propensa a mudanças constantes em sua utilidade, produção e conceito (Coli, 2006).

Desde os primórdios da humanidade, seres humanos ilustravam os acontecimentos cotidianos nas paredes rochosas das cavernas que os abrigavam. Caçadas, rituais e catástrofes eram registrados em rochas com os materiais disponíveis à época, tais como terra, argila, carvão

e sangue, como ato de concretização de certas situações. Apesar da incapacidade de abstração dos viventes da era, ainda sentiam a necessidade de expressar o ambiente que os cercava, mesmo que de forma meramente objetiva (Rodrigues, 2022).

FIGURA 1 - ARTE RUPESTRE ENCONTRADA NAS PAREDES DE UMA CAVERNA EM CARRIOLA, NA ESPANHA



Fonte: Hentges, 2022

Desde então, com a evolução de materiais, e do ser humano propriamente dito, pode-se perceber temas mais complexos sendo tratados em produções artísticas, temas, esses, envolvendo conceitos filosóficos, subjetividade e, conseqüentemente, fragmentos da vida psíquica do indivíduo, tanto do criador quanto do espectador (Neto, 2018).

A partir dessa afirmação, são inaugurados inúmeros questionamentos a respeito dos aspectos psíquicos contidos nas imagens, livros e encenações, que vão além de sua nacionalidade e estética, como, por exemplo: de que maneira o sujeito infere na produção artística o seu conteúdo psicológico e sua carga de vida? O sujeito expressa, através da arte, sua existência, subjetividade e história pelas lentes da sociedade na qual ele está inserido (Bay, 2006).

Dando estrutura aos seus significantes, o autor enlaça o espectador à medida que cria, sendo então possível compreender sua singularidade. Nesse ínterim, entender a arte e sua relação com a expressão psíquica, exprime a importância do estudo desse tema. Em suma, o cerne da criação do objeto artístico pode ser traduzido, pelas autoras, por meio de algumas abordagens psicológicas distintas, porém sempre em diálogo: a psicanalítica, a analítica e fenomenológica (Rodrigues, 2022).

3.2 Ato I: Diálogos entre Arte e o Inconsciente

Sigmund Freud, exímio neurologista e pai da psicanálise, desde o princípio do desenvolvimento da sua Teoria do Desenvolvimento Psicosexual, introduz o conceito de sintomas, e como eles se manifestam no indivíduo em constante desenvolvimento (Freud, 1905). Segundo ele, o sujeito traz consigo diversos conteúdos, que se mantêm inconscientes ao longo da vida, mas que, de alguma forma, emergem para a consciência, causando efeitos adversos na experiência individual, como problemas físicos e emocionais.

Os sintomas podem se manifestar de maneiras variadas, trazendo características como obsessão, neuroticismo, vícios e comportamentos, aparentemente, sem fundamentação lógica (Freud, 1905). Ao contrário do que se acredita, a arte não é uma manifestação de sintoma, porém, não deve ser considerada um ato completamente consciente, visto que é, também, canal

de sublimação dos impulsos e criação. Essa discrepância entre o que é intenção e o inconsciente manifestado na obra é chamado, por Duchamp (1965) de “Coeficiente artístico”, que se trata da diferença entre o que foi objetivado pelo artista e o que ele realizou em sua obra.

Para além dessa tentativa falha de expressar toda sua intenção, o artista também expressa algo não intencionado. Duchamp (1965, p.74) aponta que a criação artística não é feita apenas pelo artista, mas também pelo público. Esse é responsável por estabelecer “[...] o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador” (Ligeiro, 2018, pg 20)

Ao aprofundar-se no conceito de sublimação, constata-se que, as pulsões, constantes e muitas vezes desprazerosas, necessitam que o sujeito as satisfaça de inúmeras maneiras - em sua maioria, que causam repulsa, nojo e, de maneira geral, sofrimento para o indivíduo. Porém, pulsões e impulsos podem ser sublimados, processo pelo qual estes, reprimidos, em razão de sua natureza grotesca, são exprimidos de maneira aceitável e, em alguns casos, de maneira produtiva para aqueles ao seu redor, como nos diversos gêneros artísticos (Bay, 2006).

Um caso mais prático do ato de sublimar impulsos e tensões seria o ato de brincar para uma criança, que por meio de encenações, desenhos e frustrações, age e infere, em sua ação, a volatilidade de seu conteúdo psíquico ainda em formação. A criança, ao brincar, estabelece uma ordem para os acontecimentos que lhe agrada, assim satisfazendo seus desejos (Viana, 2022). Da mesma forma, o ato criador de um indivíduo reflete a intenção e tentativa de rearranjar o ambiente que o abriga, a fim de que se torne menos atormentador ou inquietante, feito que espelha a forma como a própria mente do criador se organiza (Viana, 2022). Ao observarmos a sociedade contemporânea, pode-se notar quantos criadores inferiram em suas criações aquilo que estava presente em seu inconsciente (Petrosino & Prudente, 2024). Diante disso, é possível analisar obras como Narciso (Caravaggio, 1600) sob um viés alternativo.

FIGURA 2 - NARCISO. ÓLEO SOBRE TELA, 110 cm x 92 cm.



Fonte: Caravaggio, 1600

O quadro Narciso retrata um instante duradouro e importante de um conto mitológico grego. Narciso foi concebido a partir de uma relação não consensual, gestado em meio a grande sofrimento. Em seu nascimento, foi profetizado que somente viveria caso nunca se conhecesse. Ao atingir a maturidade, Narciso era extremamente belo e cobiçado, porém mantinha-se

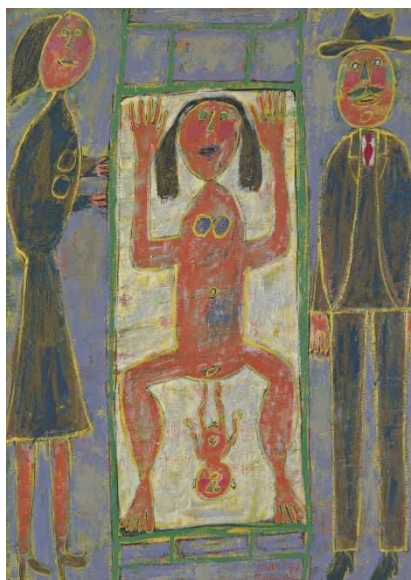
indiferente. Após rejeitar uma ninfa, Nêmesis, deusa da vingança, fez com que Narciso avistasse um riacho cristalino e, ao debruçar-se sobre a margem, viu seu próprio rosto refletido, apaixonando-se por ele. Narciso lá ficou até morrer (Ubinha & Cassorla, 2003). O estado psicopatológico de Narciso representado na pintura seria uma materialização do conceito de narcisismo de Freud (1905), que o descreve como um emprego de energia libidinal no próprio Eu. Assim, Narciso, ao empregar toda sua libido em seu reflexo, buscava alguém que completasse sua própria ausência (Falcão, 2014).

3.3. Ato II: Diálogos entre Arte e Vivência

Em diversos campos, as ciências sociais concordam que a arte e a sociedade são conceitos inseparáveis, uma vez que ambos são frutos entre homem e ambiente (Bay, 2006). O artista expressa o que existe, e é através do seu ponto de vista que a sua arte provocará e despertará outras consciências. Isso é exemplificado pelas palavras de Clarice Lispector (2010): "Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta numa tentativa.

O que também é um prazer..." (p. 23). Para Merleau-Ponty, a arte e a literatura transparecem como essenciais para entender paradoxos e questões sobre a existência humana, opondo-se ao cientificismo da época (Furlan & Rozestraten, 2005). Ou seja, a arte desbrava diversas possibilidades sobre o existir humano e o ser no mundo. Diante dessa perspectiva, é válido refletir sobre a arte bruta e a outsider art. O termo arte bruta foi defendido por Dubuffet para as produções artísticas que eram feitas em hospitais psiquiátricos e prisões por artistas autodidatas sob regime opressor, na Suíça em 1945 (Costa, 2019).

FIGURA 3 - L'ACCOUCHEMENT. ÓLEO SOBRE TELA, 99,8x80,8 cm



Fonte: Jean Dubuffet, 1944.

A exposição dessas coleções possibilitou a ampliação do conceito de arte bruta para a Outsider Art, definida por Roger Cardinal como arte produzida por artistas excluídos dos padrões estéticos ou fora do sistema, abarcando minorias sociais e sexuais (Costa, 2019). Dessa forma, o ser-no-mundo reflete seu conteúdo psíquico através da arte, atravessando outras consciências.

3.4. Ato III: Diálogos entre Arte e Simbolismo

O simbolismo ocupa papel central na compreensão dos processos psíquicos e na manifestação do sofrimento mental. Na perspectiva junguiana, o símbolo revela conteúdos que permanecem despercebidos em sua essência, operando como mediação entre instâncias conscientes e inconscientes da psique (Barros et al., 2025). Essa compreensão é relevante na psicopatologia, onde frequentemente se observa o enfraquecimento das capacidades simbólicas. Nesses casos, a arte oferece um espaço onde conteúdos fragmentados encontram forma.

Como demonstra Nise da Silveira em seu trabalho com pacientes psicóticos, a produção artística possibilita que conflitos internos e experiências afetivas continuem através da expressão artística (Preta, 2021). Para Nise, a arte não é somente um objeto para enfeitar, é um dispositivo estruturante. Pacientes esquizofrênicos encontravam em trabalhos plásticos uma forma de traduzir elementos de sua experiência (Preta, 2021). As imagens espontâneas emergem como tentativas de autorregulação da psique (Barros et al., 2025). A análise dessas imagens permitiu perceber transformações graduais, indicando movimentos de reorganização psíquica (Preta, 2021).

FIGURA 4 - SYSTEMA MUNDITOTIUS



Fonte: Liber Novus, 2009

A mandala *Systema Munditotius*, primeira produzida por Jung, ilustra que a criação simbólica não se limita em simples descarga psíquica. A mandala representa a totalidade e atua como instrumento de centralização da personalidade (Dibo, 2006). O surgimento de mandalas em momentos de perturbação evidencia a tendência da psique a criar imagens que restabelecem um eixo interno. Reconhecer esse valor simbólico significa compreender que criar é um gesto de afirmação da existência.

4. DISCUSSÃO

A evolução da expressão criativa, partindo dos registros puramente objetivos nas paredes das cavernas (Figura 1) até as representações simbólicas complexas da atualidade, ilustra que

a arte e a sociedade são constructos indissociáveis, formados pelo atrito entre o homem e o seu ambiente (Bay, 2006). A interpretação dos resultados à luz das abordagens psicanalítica, fenomenológica e analítica demonstra que a produção artística transcende a categorização de mero sintoma patológico, configurando-se como um campo de saber autônomo e estruturante para o psiquismo.

Ao analisarmos a criação artística sob o viés freudiano, compreende-se que o sujeito abriga conteúdos inconscientes que, ao emergirem, podem gerar sofrimento ou disfunções (Freud, 1905). Contudo, a obra *Narciso* (Figura 2) evidencia o mecanismo da sublimação e do "coeficiente artístico" proposto por Duchamp (1965), onde o artista, para além de sua intenção consciente, enlaça o espectador ao materializar suas próprias tensões internas. A pintura de Caravaggio não apenas ilustra um mito de uma gestação indesejada e do perigo do autoconhecimento absoluto, mas materializa o próprio conceito de narcisismo: o redirecionamento da energia libidinal para o próprio reflexo em uma tentativa de preencher uma ausência estrutural (Falcão, 2014; Ubinha & Cassorla, 2003). Assim como o brincar permite à criança organizar suas frustrações e desejos em uma narrativa suportável (Viana, 2022), o artista sublima impulsos grotescos ou dolorosos em formas esteticamente e culturalmente aceitáveis, rearranjando o ambiente que o atormenta.

Na dimensão fenomenológica e social, a arte atua como uma lente pela qual a vivência marginalizada resiste e se expressa. Obras como *L'Accouchement* (Figura 3), inseridas no contexto da Arte Bruta cunhada por Jean Dubuffet, provam que a manifestação psíquica não está contida pelos padrões estéticos hegemônicos (Costa, 2019). Artistas autodidatas, frequentemente isolados em hospitais psiquiátricos ou prisões, utilizaram a criação para afirmar seu modo de ser-no-mundo, opondo-se ao cientificismo opressor, conforme teorizado por Merleau-Ponty (Furlan & Rozestraten, 2005). A expansão desse conceito para a *Outsider Art* consolida a premissa de Clarice Lispector (2010), na qual a criação é uma tentativa de tocar o outro, permitindo que indivíduos fragilizados pela psicopatologia provoquem e despertem novas consciências sociais.

Em quadros clínicos mais severos, como na psicose e na esquizofrenia, onde o enfraquecimento das capacidades simbólicas compromete a linguagem verbal, a arte assume o papel de dispositivo estruturante mediador. O trabalho pioneiro de Nise da Silveira ratifica que a expressão plástica permite que conteúdos fragmentados encontrem continuidade (Preta, 2021). A mandala *Systema Munditotius* (Figura 4) é a representação máxima dessa dinâmica na Psicologia Analítica. Para Jung, a produção de formas circulares em momentos de profunda desorientação não consiste em uma mera descarga patológica, mas em um esforço natural e espontâneo de autocura e centralização da personalidade (Dibo, 2006). Essas imagens arquetípicas evidenciam que a psique, diante da fragmentação e do caos interno, busca incessantemente vias simbólicas para restaurar sua ordem e totalidade (Barros et al., 2025).

Apesar da consistência teórica entre as correntes psicológicas analisadas, a literatura evidencia uma limitação quanto à escassez de pesquisas que acompanhem os impactos clínicos da arte em grupos específicos de forma continuada. Faz-se necessário que estudos futuros explorem a transformação das produções artísticas ao longo do tratamento de pacientes com sofrimento mental agudo, de modo a consolidar a arte não apenas como reflexo de psicopatologias, mas como uma ferramenta epistemológica fundamental para a humanização do cuidado psiquiátrico e psicológico.

5. CONCLUSÕES

Com base na análise realizada, foi possível compreender que a arte, em suas múltiplas expressões, constrói um campo que possibilita acessar conteúdos psíquicos que nem sempre podem ser expressados de forma verbal. Retomando os objetivos do estudo, percebe-se que a literatura psicanalítica, analítica e fenomenológica converge ao reconhecer a produção artística como um veículo profundo de expressão subjetiva. A criação artística consegue ultrapassar a intenção consciente do indivíduo, acolhendo elementos recalcados, desejos e pulsões que se expressam de forma simbólica e organizada.

O fazer artístico emerge não apenas como resposta às tensões sociais e existenciais, mas também como linguagem estruturante – um dispositivo indispensável principalmente em contextos de psicose, nos quais a capacidade de articulação encontra-se fragilizada. Com isso, este estudo reafirma que a arte não deve ser reduzida a um mero sintoma patológico ou acessório terapêutico, mas sim compreendida como um campo de saber autônomo que revela a complexidade estrutural do psiquismo humano. Conclui-se que adotar a arte como voz do psiquismo permite ampliar as fronteiras do olhar clínico e humanizar profundamente as práticas de cuidado voltadas à saúde mental.

Declaração de conflito de interesse: Os autores devem declarar a existência ou inexistência de conflitos de interesse de natureza financeira, institucional ou pessoal que possam influenciar a interpretação dos resultados apresentados. Na ausência de conflitos, deve ser incluída uma declaração explícita informando que não há conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

- Barros, A. L. E. C. de, Júnior, V. S., & Maciel, R. F. (2025). Linguagem Simbólica e Saúde na visão da Psicologia Analítica de Jung. *Building the way*, 14(2).
- Bay, D. M. D. (2006). Arte & sociedade: pinceladas num tema insólito. *Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas*, 78, 2–18.
- Catta-Preta, M. (2021). Diálogos entre Nise e Jung: a obra expressiva de Nise da Silveira e suas contribuições para a psicologia analítica. *Junguiana*, 19(1).
- Coli, J. (2006). *O que é Arte* (15a ed.). Brasiliense.
- Costa, T. A. (2019). A arte bruta de Jean Dubuffet. *Palíndromo*, 11(25), 115-130. <https://doi.org/10.5965/2175234611252019115>.
- Cunha, F. A. (2021). *A arte como forma de linguagem, expressão e produção de sentido de existência* (Trabalho de Conclusão de Curso, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais).
- Dibo, M. (2006). Mandala: um estudo na obra de C. G. Jung. *Último Andar*, (15), 109-120.
- Falcão, L. (2014). Cem anos de narcisismo: aquém da psicanálise e além de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(3), 41–56.
- Freire, J. G. (1998). Uma reflexão sobre a psicose na teoria freudiana. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*.
- Freud, S. (2017). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905).
- Furlan, R., & Rozestraten, A. S. (2005). Arte em Merleau-Ponty. *Natureza Humana*, 7(1), 59-93.
- Ligeiro, V. M., & Jorge, M. A. C. (2018). Psicanálise e Arte: O triunfo do real. *Estudos de Psicanálise*, (49), 15-30.
- Lispector, C. (2010). *Crônicas para jovens: de escrita e vida* (1a ed.). Rocco Jovens Leitores.
- Petrosino, V. C. S., & Prudente, R. C. A. C. (2024). Psicanálise e arte: a elaboração do luto por meio da sublimação. *Cadernos de Psicologia*, 6(11), 283–301.
- Rodrigues, V. P. (2022). As vias do psiquismo pela expressão artística: Uma discussão psicanalítica. *Cadernos de psicologia*, 4(8).
- Silva, G. H. da, Viana, D. dos S., & Souza, J. R. de. (2022). A arte como instrumento do inconsciente: imagens que revelam o sujeito. *Lumen et Virtus – Revista Interdisciplinar de Cultura e Imagem*, 12(32), 8–21.
- Ubinha, P. de T., & Cassorla, R. M. S. (2003). NARCISO: POLIMORFISMO DAS VERSÕES E DAS INTERPRETAÇÕES PSICANALÍTICAS DO MITO. *Revista Estudos de Psicologia*, 20(3), 69-81.

Vieira Neto, S. A. (2018). A história da arte como psicologia histórica da expressão humana. In *Anais do 13º Encontro de História da Arte* (pp. 784–791).
<https://econtents.sbu.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/4601>.